

Clélia Cortez

Interações: diálogos com as inquietações dos educadores da primeira infância

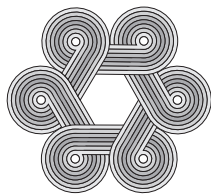
Coleção Inter**Ações**



Blucher

Coordenação:
Josca Ailine Baroukh

C O L E Ç Ã O

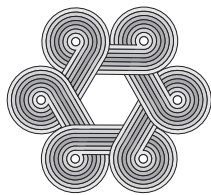


INTERAÇÕES

Interações: **diálogos com as** **inquietações dos** **educadores da** **primeira infância**

Blucher

C O L E Ç Ã O



INTERAÇÕES

Clélia Cortez

Interações: diálogos com as inquietações dos educadores da primeira infância

Josca Ailine Baroukh
COORDENADORA

Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves
ORGANIZADORA

*Interações: diálogos com as inquietações dos
educadores da primeira infância*

© 2012 Clélia Cortez

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Alba Mancini

Foto: Imagem cedida pela Escola Criarte - SP

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1.245, 4º andar
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 (11) 3078-5366
editora@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quais-
quer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Ficha catalográfica

Cortez, Clélia
Interações: diálogo com as inquietações
dos educadores da primeira infância / Clélia
Cortez; Josca Ailine Baroukh, coordenadora;
Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves,
organizadora. -- São Paulo: Blucher, 2012. --
(Coleção InterAções)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-0671-2

1. Crianças - Livros e leitura 2. Educação de
crianças 3. Prática de ensino 4. Professores -
Formação. I. Baroukh, Josca Ailine. II. Alves,
Maria Cristina Carapeto Lavrador. III. Título.
IV. Série

12-03808

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil: Formação de professores:
Educação

370.71

*Para
Rudá, Cairê e Safira,
presenças especiais em minha vida.*

Nota sobre a autora

Clélia Cortez é graduada em Pedagogia pela PUC-SP. Atuou como professora de Ensino Fundamental e Educação Infantil nas redes pública e privada na cidade de São Paulo e iniciou sua experiência com formação de professores no ano 2000. Atualmente é orientadora educacional de uma escola da rede privada voltada para as crianças de 0 a 3 anos e é Coordenadora do Programa Formar em Rede/Educação Infantil do Instituto Avisa Lá em São Paulo.

Agradecimentos

Às crianças, que não só me inspiraram como contribuíram com desenhos e pensamentos.

Às educadoras que preencheram este livro com suas vozes, inquietações e reflexões.

À Maria Dalva Lopes de Sousa e ao Centro de Educação Infantil Padre Pedro Ballint pelas ricas contribuições de imagens.

À Escola Criarte, por compartilhar imagens significativas das experiências das crianças.

Ao Instituto Avisa Lá, Escola Vera Cruz e Creche Central da USP, por inspirarem permanentemente as minhas ideias e experiências.

Aos meus queridos amigos que contribuíram com palavras e ideias para a composição dos textos.

Apresentação

Educar é interagir, é agir **com o outro**, o que acarreta necessariamente a transformação dos sujeitos envolvidos na convivência. Foi essa a ideia que elegemos para nomear a coleção InterAções. Acreditamos que ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, que só terá significado e valor quando alunos e professores estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos.

Com base nessa premissa, convidamos autores e professores. Professores que conhecem o chão da sala de aula, que passam pelas angústias das escolhas para qualificar as aprendizagens das crianças, seus alunos. Professores que, em sua grande maioria, também são coordenadores de formação de grupos de professores, conversam com professores e, portanto, conhecem o que os aflige.

A esses autores, pedimos que estabelecessem um diálogo escrito sobre temas inquietantes em suas áreas de atuação. Temas que geram muitas dúvidas sobre o que, como e quando ensinar e avaliar. Temas recorrentes que, se abordados do ponto de vista de novos paradigmas educacionais, podem contribuir para a ação, reflexão e inovação das práticas de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Apresentamos nesta coleção situações de interação entre professores e crianças: exemplos, sugestões pedagógicas e reflexões. Pontos de partida para o professor repensar sua prática e proporcionar a seus alunos oportunidades de se sentirem e serem protagonistas de suas aprendizagens. Acreditamos que é importante o professor questionar sua rotina e construir um olhar apurado sobre as relações cotidianas. Estranhar o natural estimula a cria-

tividade, a inovação, o agir. E, assim, é possível ir além do que já se propôs no ensino desses temas até o momento.

Nosso intuito é compartilhar as descobertas geradas pelo movimento de pesquisa, reflexão e organização do conhecimento na escrita dos autores. E proporcionar ao professor leitor a experiência de um “olhar estrangeiro”, de viajante que se deslumbra com tudo e que guarda em sua memória os momentos marcantes, que passam a fazer parte dele. Queremos animar em nosso leitor a escuta atenta e estimular suas competências técnicas, estéticas, éticas e políticas, como tão bem explica Terezinha Azeredo Rios.

Em meio às dificuldades de ser professor na contemporaneidade, os profissionais da educação persistem na criação de planejamentos e ações que promovam as aprendizagens de seus alunos. Aos desafios, eles apresentam opções e são criativos. É para esses profissionais, professores brasileiros, e para seus alunos, que dedicamos nossa coleção.

Boa leitura!

Josca Ailine Baroukh

Sumário

Introdução	13
1 Educadoras: quem são, de onde vêm, e sua relação com as perguntas	15
2 O olhar sobre a criança	31
Um ambiente que valoriza a voz da criança	34
Relação cuidar e educar	38
Referências para novas indagações e pesquisas	42
3 Tempo, espaço e a construção de um ambiente de aprendizagem.....	45
Rotina: uma reflexão sobre o tempo	45
Um pouco de reflexão sobre a interação dos pequenos com a leitura	60
Algumas indagações sobre o brincar.....	72
4 Uma ideia de criança, muitas ideias para brincar: concepções e possibilidades dos Cantos de Atividades Diversificadas – Juliana Guerreiro Lichy	79
Escolhas: dizer quem sou – direito, caminhos possíveis – diversidade	83

	Tempos diversos nos cantos diversificados.....	85
	Inter-Agir: as interações nos cantos diversificados	87
	Inspirações: algumas ideias para os Cantos de Atividades Diversificadas.....	88
5	Projetos e sequências de atividades: outra forma de organização do tempo	107
	A distinção entre projetos e atividades.....	109
	A importância dos registros	113
6	Alguns modelos de sequências de atividades e projetos: o que é importante considerar para promover aprendizagens	123
	Sequência de atividades	123
	Sequência de atividades: Brincadeiras na área externa (1 a 2 anos)	130
	Registro de brincadeiras	135
	Sequência de atividade: Projeto Leitura de poemas para crianças pequenas	138
	Sequência de atividades de leitura.....	143
7	Conclusão: um convite à ação.....	151
	Referências bibliográficas	155
	Anexos	159

Introdução

As indagações

A resposta certa não importa nada: o essencial
é que as perguntas estejam certas.

Mário Quintana

Os educadores, permanentemente, deparam-se com inquietações ao desenvolver seus trabalhos com as crianças. Mesmo que, em alguns casos, escolham pautar as suas ações em rotas rigorosamente definidas, em determinados momentos – os que se preocupam com o desenvolvimento das aprendizagens de seus alunos –, questionam-se sobre algumas de suas decisões e buscam novas conexões para o desenvolvimento de suas práticas.

O conceito de diálogo pressupõe entendimento por meio da palavra, da comunicação, da troca de ideias sobre conceitos e experiências. Diálogo é uma palavra que vai e vem, que abre espaço para a escuta e a solução de problemas. Dialogar com os educadores é um ato investigativo, suas dúvidas revelam pensamentos, angústias e frustrações que nascem do dia a dia com as crianças. Interagir com essas dúvidas pode ser o ponto de partida para novas perguntas e, nesse ciclo de indagações, as práticas podem ser, aos poucos, ampliadas, resignificadas e transformadas.

Foi pensando nisso que resolvi colher perguntas de alguns educadores do Brasil – a maioria pertencente à rede pública – e dialogar a partir dos desafios e interrogações presentes no cotidiano da ação educativa. As perguntas abordam assuntos variados, mas a perspectiva de uma criança sensível, criativa e potente estará presente o tempo todo. Na conversa, tentarei contextualizar essas perguntas e relacionar os encaminhamentos da prática com alguns pressupostos teóricos.

As respostas não terão o caráter de prescrição, ao contrário, o intuito é ajudar a pensar sobre as lacunas existentes e buscar complementações que contribuam com novas referências para o planejamento e a prática de ações; o objetivo é abrir novos horizontes sobre as práticas e tornar a pergunta um pressuposto para a ação. Portanto, qualquer pergunta, aqui, vale a pena, seja ela elaborada por educadores experientes ou iniciantes.

Tentarei, nesse processo de interlocução, aprofundar uma concepção de educação, aprendizagem, e de função social da escola, e, sobretudo, uma concepção da criança como uma protagonista, que está inserida em um contexto de diversidade e interação.

Espero que você, prezado leitor, se identifique com algumas perguntas, e que as reflexões que nascerão a partir destas venham a dissipar novas inquietações e evidenciem algumas referências para o planejamento e para novas ações com as crianças. ■

1 Educadoras: quem são, de onde vêm, e sua relação com as perguntas



Sou Rosely Petri Sarmento, faço parte da equipe técnica da Secretaria Municipal da cidade de Ariquemes – RO. O nome da cidade de Ariquemes provém do povo indígena Ahopovo da etnia Arikem que significa *Povo do Rio*, assim chamado por outros grupos indígenas por habitarem as margens do Jamari, principal rio da cidade.

Eu integro a gerência da Educação Infantil, sou formadora local do Programa Formar em Rede, do Instituto Avisa Lá, em São Paulo, e tenho tentado movimentar a formação do meu município com perguntas.

“Para que servem as perguntas?” Eis uma boa pergunta...

Você já percebeu que uma pergunta gera outras perguntas? Ou melhor, as respostas não se bastam, pois, mais cedo ou mais tarde, as afirmações geram indagações. Na verdade, não existem verdades absolutas e cristalizadas, vivemos em um mundo mutável.

Não por capricho, mas nós humanos só conseguimos dialogar com o mundo, as pessoas e as coisas, a partir da dúvida, e, quando encontramos as respostas, não nos bastamos e, assim, nascem novas perguntas. Bom, pelo menos é assim que funciona comigo, e tenho observado isso na maioria das pessoas. Observem... os inventos e engenhocas não são como os seus protótipos. Assim é a vida e todas as minhas pequenas ou grandes conquistas partiram de algumas perguntas e inquietações. Algumas aparentemente tolas, porém, não menos importantes, pois todas me levaram a alguma descoberta ou realização.

E por falar em perguntas, as crianças são boas “fazedoras” de perguntas. Às vezes, penso que tomaram chá de pó de pirlimpimpim – pois sua imaginação vai longe, voa muito e alto – ou engoliram uma daquelas pílulas falantes da Emília. Só Monteiro Lobato para nos contar!

E não é só isso: para tudo apresentam respostas plausíveis; na verdade, elas perguntam para pesquisar, constatar, para saber mais, pois, no fundo, possuem conhecimentos prévios, os quais parecem natos, e, de algum modo, desejam contrapor o real e o imaginário. Mas não se enganem, a “obviedade” nem sempre vence ou convence os pequenos, eles têm um jeito próprio de interagir e se comunicar com o mundo e suas indagações expressam um desses modos.

Confesso que algumas de suas respostas me deixam estupefata, quanto às perguntas... mais ainda. Esses dias, Ana Clara, minha sobrinha de três anos, perguntou-me: “em qual lugar do céu Deus mora?”. Afinal seus pais dizem que é lá que ele fica. Mas o céu é tão grande, com tantas coisas, lua, sol, estrelas, cometas, planetas... Em qual desses lugares é a casa de Deus? E para não bastar: “quando é que ele sai de casa?”. Ufa! Eu também não sei, não tenho respostas pontuais, como as crianças gostam, e, explicar a onipresença e a onisciência de Deus, conforme a filosofia cristã, não é nada fácil. Isso se dá porque ora infantilizamos as respostas, ora consideramos as crianças muito pequenas para compreender coisas que, do nosso ponto de vista são muito complexas. Confesso que, de todas as perguntas de Ana Clara, essa foi a mais difícil para mim, mas acho que me saí bem, embora

ela ainda questione: “quando é que ele sai de casa?”. Ana Clara é muito curiosa; como a maioria das crianças, quer constatar os fatos, pois sua imaginação insiste em lhe dizer que existe uma casa no céu que é só de Deus... Ela adora me fazer perguntas e eu adoro passar horas tentando respondê-las.

Alguns adultos subestimam a capacidade das crianças e acham que elas se contentam com qualquer resposta. Eles não estão preparados para suas perguntas e nem se esforçam. Na verdade, não têm respostas e não estão dispostos a encontrá-las, pois estão muito ocupados! Provavelmente, quando criança, não obtiveram respostas para suas perguntas e, como uma perpetuação, acabam dizendo: “Não sei”, “É assim e pronto...”, “Agora estou ocupado...”.

Como Einstein afirmou: “brincar é a mais elevada forma de pesquisa”, assim, fico pensando que a capacidade imaginativa, de investigação e pesquisa vai se dissipando ao passo que perdemos a capacidade lúdica. Quando deixamos de brincar, enfim, deixamos de ser crianças, de perguntar, pois gente grande não pode fazer qualquer pergunta, gente grande deve ser séria... É uma pena! Pois as perguntas não movem apenas o mundo, movem a própria vida e as pessoas. Fazem-nos crescer e ir longe, muito longe... como o pó de pirlimpimpim”.

Quando tínhamos todas as respostas,
mudaram as perguntas.

Frase recolhida de um muro de Quito por Eduardo Galeano.



Sou Domingas Pereira da Silva, moro no município de Taboão da Serra, São Paulo. Minha cidade é composta por pessoas de diferentes origens, a população desde seus primórdios mesclou-se com facilidade com o migrante e o imigrante, fazendo, dessa mistura cultural, a base de seu desenvolvimento. Ao longo dos seus 20 km², o município reescreve, a cada dia, sua história nesse grande caleidoscópio de relações humanas.

Sou professora da rede estadual há 21 anos, e de Taboão da Serra há 11. Trabalho na Secretaria de Educação de Taboão da Serra há seis anos. Fiz parte da Equipe de Formação durante quatro anos e, atualmente, integro a Equipe de Supervisão e sou responsável por nove Unidades Escolares: duas EMEFs – *Escola Municipal de Ensino Fundamental* –; uma EMEB – *Escola Municipal de Educação Básica* –; três EMI – *Escola Municipal de Educação Infantil* e três PAC – *escolas que são de programa de atendimento à criança*.

Bom, a pergunta na minha vida...

Dependendo do contexto, às vezes é difícil perguntar. Na informalidade com os amigos, é tranquilo, diferente das situações formais que causam insegurança, pois, nelas, podemos revelar saberes e não saberes sobre o assunto em questão. Porém, acredito que, na dúvida entre fazer uma pergunta ou não, é melhor que se faça, pois minha dúvida pode ser a mesma de outro e, às vezes,

uma pergunta que parece ser “boba” pode provocar reflexões e tirar a dúvida de alguns que estão inseridos no contexto e que, muitas vezes, não perguntam. Percebo também que dificilmente perguntamos sobre algo em relação ao qual nada conhecemos, até porque, para elaborarmos uma boa pergunta, é preciso ter um conhecimento anterior sobre o que se pretende perguntar.



Sou Kézia Duarte de Souza Galvão, de Teixeira de Freitas na Bahia, uma jovem cidade que, com apenas 26 anos de emancipação, possui aproximadamente 140.000 habitantes, sendo considerada a maior do extremo sul da Bahia. Teixeira de Freitas localiza-se próxima às cidades da Costa das Baleias e a pouco mais de 200 km da Costa do Descobrimento. Destaca-se pelo comércio forte e desenvolvido.

Desde 2005, atuo como coordenadora do Núcleo de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação. Minha relação com essa modalidade se iniciou quando assumi a coordenação de duas pré-escolas do Município em 2004 e, desde então, tenho me dedicado ao aperfeiçoamento nessa área. Como coordenadora do Núcleo, desenvolvo ações de formação, envolvendo os gestores das instituições de Educação Infantil que visam instrumentalizar esses profissionais para que promovam práticas significativas que, de fato, atendam as necessidades e interesses das crianças pequenas.

As perguntas... As perguntas nos mobilizam, nos desafiam a ir em busca de respostas. A vida parece sem brilho quando tudo acontece como planejado, quando não há novos caminhos a percorrer, quando sabemos o que fazer em cada situação.

O que impulsiona o desenvolvimento da criança, desde seu nascimento, é exatamente o fato de que o mundo se constitui para ela como um grande desafio. Por que então não pensarmos

em um processo educativo que leve em conta esse estado de constante descoberta das crianças? Por que não partir de suas interrogações? Por que não contribuir para que continuem investigando sempre? Essas são boas questões sobre as quais podemos pensar.



Sou Márcia Sebastião, moro em São Paulo, Capital, e tenho formação em Magistério e bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Trabalho há 23 anos com Educação Infantil na Creche/Pré-escola Central-USP com crianças de 0 a 6 anos, e há 9 anos em escola municipal de educação infantil da Prefeitura de São Paulo, com crianças de 4 a 6 anos.

No meu cotidiano, percebo que as perguntas são constantes e geram ações em busca de boas respostas e soluções. E, muitas vezes, as soluções geram mudanças superficiais ou profundas na nossa vida. As perguntas transitam em todos os campos da nossa existência, o campo familiar, profissional, social, econômico, político, religioso e afetivo. Por meio das perguntas, questionamos nossas condutas, escolhas, entendimento do mundo e sociedade em que vivemos. As perguntas revelam, para mim e para o outro, o meu jeito de compreender o mundo e o modo de inserção na vida.

A dúvida pode gerar a busca por respostas e nos impulsiona a procurar, em várias frentes de pesquisa. Então, conversar com amigos e familiares; conversar com profissionais da área pesquisada; fazer buscas em hemerotecas, bibliotecas, museus e internet ampliam o nosso campo de discussão, nossas trocas de informações e nosso entendimento; proporcionam o nosso amadurecimento, ao nos permitir perceber nossa ignorância em relação a um determinado tema, gerando a busca pelo conhecimento.

A dúvida gera desconforto e nos leva a buscar caminhos para uma maior consciência.

Atuando com crianças de 0 a 6 anos, pude perceber que, desde pequeninos, a ação de perguntar já está presente. Primeiro, de nossa parte, como professores, perguntamos sobre alimentação, saúde, brincadeiras, músicas, histórias, artes, passeios, projetos...

“Quer mais comida?”

“Por que está chorando?”

“Vamos passear na floresta enquanto seu lobo não vem?”

“Qual música vamos cantar agora?”

Vivenciei, recentemente, a experiência de empréstimo de livros com crianças de dois anos de idade. Na devolução dos livros, era formada uma roda e perguntávamos às crianças quem tinha lido a história para eles. A resposta sempre era “o papai” ou “a mamãe”, mas nos surpreendemos com crianças respondendo no final do semestre “eu” (ela mesma). E quando fizemos comentários sobre os livros, as crianças indicaram, por meio de palavras e gestos, as partes das quais mais gostaram.

Com crianças maiores, as rodas de conversa, de histórias e de pesquisa sobre um tema são riquíssimas. Ouvir o que o outro sabe sobre o assunto em questão, confrontar com o seu próprio saber e questionar, enriquece as argumentações, amplia o vocabulário e o conhecimento de si e do outro. Amplia o respeito pelo outro, pelo tempo de esperar para falar e ouvir para conhecer outros pontos de vista.

Questiono muito a minha fala com as crianças, pois elaborar boas perguntas para contribuir com o crescimento delas é um ponto importante que não podemos perder de vista. São necessárias boas perguntas que as levem a pensar, trocar ideias, refletir e expressar suas opiniões, e não somente responder sim ou não.



Sou Maria Claudia Perna da Silva, moro em São Paulo e sou formada em pedagogia. Participei do Profa – Programa de Professores Alfabetizadores –, como professora referência e trabalho como professora de Educação Infantil na prefeitura da cidade de São Paulo, há 7 anos, e na Creche e Pré-Escola Central da USP, há 18 anos.

Quando sou questionada a respeito de minha prática envolvo-me em um desafio porque, além de pensar em uma boa resposta, tenho de ser coerente com o que faço, devo avaliar meu trabalho, meu papel social, se meus estudos estão suficientes, se estou atualizada, enfim, vem à tona uma série de questões como se tivesse uma pulga atrás de minha orelha, que me desequilibra e me empurra a caminhar novamente.

Quando a questão é direcionada à relação que tenho com a criança, vêm-me outras questões. Será que tenho um ouvido apurado para escutar tudo que meus alunos estão me dizendo, pedindo ou criticando? Será que sou sensível a esses seres tão pequenos e tão cheios de particularidades?

Quando tenho de escrever falas das crianças que acompanho, às vezes, percebo que elas estão longe de mim porque preciso retomar diálogos e ações que vivenciamos, e isso não é nada fácil. Mas sei que pode ser um novo passo para minha pesquisa, para o meu olhar.



Meu nome é Maria Dalva Lopes de Sousa, sou natural do Estado do Piauí, tenho 48 anos e moro em São Paulo há 26 anos. Atualmente, estou exercendo a função de professora Nível I – Educação Infantil. Gosto muito do que faço e tenho curiosidade e vontade de aprender cada vez mais para poder desenvolver um trabalho de qualidade com os pequeninos. Trabalho com crianças na faixa etária de três anos, no Centro de Educação Infantil Padre Pedro Ballint, pertencente ao Unas – União de Núcleos Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco. Heliópolis está instalada em uma área de 1 milhão de m², tem uma população de, aproximadamente, 120 mil habitantes, sendo considerada a maior favela de São Paulo e a segunda maior da América Latina. O CEI ao qual pertenço atende 126 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses.

As perguntas em minha vida estão relacionadas com a questão da curiosidade e da vontade de aprender. Geralmente, por meio da inquietação, surgem as dúvidas. Por meio de uma boa dúvida pode ser gerado um debate que irá abrir um leque de conhecimento e aprendizagem que poderá beneficiar muitas pessoas porque, eventualmente, a dúvida de uma pode ser a mesma de várias outras pessoas.

Quando abordamos a pergunta na relação com as crianças, acredito que seja consequência da curiosidade delas e o professor precisa estar atento a seus questionamentos. Mas uma in-

quietação, muitas vezes, toma conta de mim: dependendo da situação, será que realmente respondo as perguntas de acordo com a necessidade de cada um?



Meu nome é Olindina Maria Ferreira da Cunha, trabalho em São Paulo e sou educadora da Creche e Pré-Escola Central da Universidade de S. Paulo, há 11 anos, onde pude apurar minha visão em relação às crianças de 0 a 5 anos. Recentemente, venho desenvolvendo também trabalho com crianças do Ensino Fundamental I, em uma escola particular de São Paulo.

Há pouco tempo, um respeitado meio de comunicação veiculou várias campanhas com o seguinte slogan: “Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas!”.

A dúvida é uma questão essencial para a humanidade, pois ela nos impulsiona, nos faz caminhar em direção ao verdadeiro conhecimento. É uma forma de conhecimento inicial que gera um percurso investigativo muito importante para despertar interesses na busca de novas ideias. Por meio dela, podemos nos encantar com o mundo, o fato é que, depois de sermos tocados e atravessados por essa inexorável experiência, não poderemos voltar a ser o que éramos.

Essa questão faz parte da prática do professor que procura aprimorar seu olhar, sua escuta e está atento para o que de mais potente borbulha em seu grupo. Ela nos desloca, nos faz refletir, e avaliar de forma a criar possibilidades e desdobramentos adequados a cada momento e movimento de um determinado agrupamento.

Vendo sob essa ótica, não teríamos como seguir em frente, pois, ao nos colocarmos no lugar da certeza, estaríamos, sem dúvida, imobilizados diante das situações que nos são apresentadas.

Ora, uma criança é um ser encantado por natureza! Ela se encanta com o mundo e as coisas que a rodeia. Podemos observar que, grande parte do tempo, elas perguntam, pesquisam, são curiosas. Por que o sol nasce? Por que chove? Por que o céu tem nuvens? Esses são apenas alguns exemplos da curiosidade intrinsecamente infantil. Isso nos revela que todo conhecimento relevante chega a uma pessoa por meio de uma dúvida e não de uma certeza, daí ela ocupar um lugar de destaque em nossas vidas.

Sem as perguntas, não haveria busca, não haveria conhecimento de fato. Penso que nosso papel como educadores está diretamente ligado a esta natureza investigativa e, mais ainda, na intermediação da busca das crianças por respostas e novas perguntas.



Sou Leusa de Melo Secchi, professora da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, região conhecida pelas belezas naturais do Pantanal. Atualmente, exerço a função de técnica da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, na Coordenadoria de Educação Infantil. Na Reme – Rede Municipal de Ensino, além de acompanhar o trabalho pedagógico nas instituições educativas que atuam com crianças de 0 a 5 anos (escolas e centros de educação infantil), também realizo encontros sistemáticos de formação com os professores da Educação Infantil. A rede municipal de Campo Grande, atualmente, conta com 73 escolas que possuem turmas de Educação Infantil e 96 Centros de Educação Infantil. Como professora e também formadora de professores de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação e na Universidade, tenho buscado questões significativas, que possibilitem aproximar a produção acadêmica dos contextos institucionais (creches e pré-escolas). As questões, as dúvidas, as perguntas que faço ou que aparecem nos espaços de Educação Infantil e nos encontros de formação com professoras – alunas, companheiras de trabalho – mobilizam o diálogo, ampliam e tecem as conversas sobre a multiplicidade das práticas e saberes que emergem diariamente no cotidiano da educação das crianças. Enfim, potencializam minha formação, fundamentando a relação com o conhecimento.

Diante do desafio de escrever sobre isso, fiquei pensando que as perguntas que faço não são só minhas, elas também são questões dos que convivem comigo: das professoras, dos meus alunos, das minhas amigas de trabalho, das crianças, ou seja, elas são marcas deixadas pela presença do outro em minha vida. Muitos educadores certamente se reconhecerão nas questões e indagações formuladas neste livro, pois elas são manifestações objetivas do que parece subjetivo e que deve ser enfrentado na educação das crianças pequenas.

A dúvida, as angústias e os desafios convertem-se em força vital, na medida em que mobilizam e provocam a busca cada vez mais intensa de significado do que faço e realizo para e com as crianças. As questões que surgem no diálogo com outros educadores e com as crianças me desafiam a compreender a prática pela sustentação teórica aprofundada, socializada, desvelada e permanentemente ampliada.

Quem, ao conviver e viver com crianças pequenas, não se deparou com variadas e infinitas perguntas? As indagações das crianças possibilitam estreitar os vínculos, legitimar a interação, a troca, a curiosidade e a linguagem, pois ouvi-las e dialogar com suas vozes, manifestadas nos modos diferentes de compreenderem o mundo, significa reconhecer a expressão infantil como um direito de cidadania. Nas suas manifestações e expressões de dúvidas, e também de muitas certezas, as crianças evidenciam desejo, esperança, estranheza, energia, sabedoria e indagações sobre o que vivenciam nas instituições educativas, elas nos revelam os porquês e para quês das coisas. Mas perguntar também é preciso! Pois as perguntas dos educadores para as crianças também servem para ampliar suas vozes. ■